

## UM POETA QUE AMAVA A BÍBLIA

Lauro Dick

A partir de polémica de Paul Claudel com os exegetas, há vinte anos, quando nem Umberto Eco escrevera *Obra Aberta* (2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1971) nem a nova crítica polemizava com a velha, nos termos, p.ex., de Serge Doubrovsky (*Pourquoi la Nouvelle Critique*, Mercure de France 1970), manifestações, hoje, nas letras, de problema semelhante ao enfrentado pelo autor de *J'Aime la Bible*.

O grande e solitário homem de letras, que foi Paul Claudel, aventurando-se nos últimos vinte anos de vida pelos caminhos do comentário bíblico, levantou uma questão que, se não é de vital importância, é, pelo menos, de interesse para o estudioso da escritura.

O literato francês não tinha certamente outra habilitação para abalancar-se a discussões dessa natureza que sua pujante fé, seu amor à bíblia e seu gênio. Mesmo assim, ou justamente por isto, as suas observações e críticas, por vezes acres, ao modo como se interpretam em geral os livros divinamente inspirados e, por outro lado, a maneira como ele mesmo entendia e realizava essa delicadíssima tarefa, merecem, a meu ver, respeito e consideração.

Visando, pois, elucidar um pouco a questão, proponho-me analisar tanto o conceito católico de interpretação escriturística (I) quanto a posição claudelliana (II) e, se possível, tirar algumas breves conclusões (III).

O trabalho interpretativo de ambos os testamentos corre por conta exclusiva da exegese, ou seja, da ciência dos princípios e normas conducentes à reta inteligência da palavra de Deus, exarada nas escrituras. Tal ramo de saber é, até certo ponto, sinônimo de hermenêutica, se bem que esta se refira mais à teoria, ao passo que a exegética já é uma aplicação prática das regras hermenêuticas.

Objeto formal próprio da indagação hermenêutico-exegética seria, então, o conteúdo ou a significação dos sinais, gestos e palavras contidos nos livros do antigo e novo testamento.

Essa investigação do sentido verdadeiro da sagrada escritura pode efetuar-se heurística e proforisticamente.

A heurística literária (geral ou científica) analisa texto, contexto (gramático-lógico, psicológico, histórico, profético), lugares paralelos (paralelismos verbais e reais, citações), autor (pátria, ofício, cultura, caráter, idade,

linguagem, estilo, preconceitos), destinatários, tema, ocasião, época, lugar, modo (gênero) e fim da publicação; já o método heurístico dito cristão-católico (especial ou autêntico), ao contrário do anterior, tem presente a inspiração divina da sagrada escritura, sua inerrância e peso dogmático-moral, pelo que se atém à palavra normativa da Igreja, às explicações (solenes, diretas ou indiretas, positivas ou negativas) do magistério eclesiástico (na realidade, a autoridade eclesiástica interveio relativamente poucas vezes para aclarar passagens controversas da sagrada bíblia), ao consenso dos Santos Padres e sempre à analogia da fé.

A proforística ocupa-se de como propor a mensagem bíblica: cientificamente (tradução, questões introdutórias, notas ao pé da página, paráfrase, comentário lítero-histórico, apostilas, glosas) ou pastoralmente (como é de uso na parenética, especialmente nas homilias).

Em síntese: o processo interpretativo de um texto bíblico desenrola-se da seguinte forma: fixa o texto, através da crítica textual, servindo-se, de forma subsidiária, ainda que indispensável, da crítica histórica e literária para, alfim, a palavra divina reluzir em todo o esplendor possível, nas pobres palavras humanas.

Noutros termos, ainda, a exegese bíblica assume duplo aspecto: filológico e teológico. Os dois juntos é que iluminam, de fato, científica e religiosamente a palavra inspirada.

Finalmente, haveria que aludir ao esforço explicativo da era patrística, referentemente à bíblia (propensa mais a interpretações livres e acomodaticias, alegorismo, sentido espiritual ou pneumático, se bem que Antioquia reagisse contra a escola alegorizante alexandrina, cujo expoente máximo foi Orígenes), assim como ao da Idade Média, zelosa de minudências, e que via nas sagradas letras, a par do sentido literal, o alegórico ou típico (aplicação a Cristo e à Igreja do que se diz no antigo testamento do povo eleito e das personalidades providenciais de então), o tropológico ou moral e o anagógico ou místico (segundo o qual eventos e realidades relativas ao povo escolhido figuram a vida eterna, como Jerusalém — cidade figurativa do céu. Com o Tridentino, os exegetas se dividem em católicos e protestantes, sendo que, no séc. XVIII, se inicia o racionalismo que, se trouxe malefícios, beneficiou também consideravelmente os estudos bíblicos, em razão de conquistas filológicas e orientísticas devidas a ele.

É de lamentar apenas que, em atenção às críticas racionalistas e liberais, os estudiosos da palavra do Senhor refugissem e transcurassem, demasiado, quicá, o sentido espiritual ou típico do legado que Deus se dignou confiar-nos, como houve, por igual, os que, a bem de ideais ascético-místicos, descuraram o sentido literal.

Uma razoável harmonização lítero-espiritual resolveria o dualismo, como, aliás, preconiza Pio XII, na *Divino Afflante Spiritu*:

"Bem preparado com o conhecimento das línguas antigas e com os recursos da crítica, aplique-se o exegeta católico àquele que é o principal de todos os seus deveres: indagar e expor o sentido genuíno dos livros



sagrados. Neste trabalho tenham os intérpretes bem presente que o seu maior cuidado deve ser distinguir claramente e precisar qual seja o sentido **líteral** das palavras bíblicas (...). Guardem-se com particular cuidado de expor somente o que toca à história, à arqueologia, à filologia e outras matérias semelhantes — como com mágoa vemos que se faz em alguns comentários: — mas, dadas oportunamente tais notícias enquanto podem servir à exegese, ponham em evidência sobretudo a doutrina teológica, dogmática ou moral, de cada livro ou texto (...).

Tal interpretação prevalentemente teológica, como dissemos, será meio eficaz para fazer calar os que se queixam de não encontrar nos comentários bíblicos nada que eleve a mente a Deus, alimente a alma, fomenta a vida interior, e por isso dizem que é preciso recorrer a uma interpretação que chamam espiritual e mística. Quão pouco justa seja esta acusação, prova-o a experiência de muitos que com freqüente consideração e meditação da palavra de Deus têm santificado as suas almas e se têm inflamado no amor de Deus; provam-no claramente a constante prática da Igreja e os ensinamentos dos maiores Doutores. Certamente que nem todo o sentido espiritual se pode excluir da sagrada escritura: pois que tudo o que foi dito e feito no antigo testamento, foi por Deus sapientissimamente ordenado e disposto de modo que as coisas passadas prefigurassem espiritualmente as futuras que deviam realizar-se no novo testamento da graça" (1).

## II

Duvido muito que o poeta Paul Claudel jamais se houvesse preocupado com o arcabouço metodológico acima esboçado. Se, malgrado isto, se abalçou a incursões não só vétero como neotestamentárias, é que uma série de móveis interiores, assim estético-literários como religiosos, conforme se indicou no início, o impelliam para ali.

Primeiramente, era ele, já pela estrutura de sua personalidade, uma espécie de "personagem bíblico", para usar o apelativo que lhe dá D. Mondrone, S.J. (2). Há, de feito, nos seus escritos, seja nos dramáticos e poéticos, seja nos bíblicos, uma tal ou qual grandiloquência e monumentalidade proféticas; tiradas sonoras e trovejantes, como trombetas apocalípticas; linguagem que, na métrica e no asiatismo e vigor telúricos de suas imagens, lembra de perto versículos escriturísticos; um constante quê de

"MARA — Não vês mais?

VIOLAINE — Não tenho mais olhos. Só a alma permanece no corpo desfeito.

MARA — Cega! Como caminhas, então, tão direito?

(1) Petrópolis, Vozes, 1950, 15 e 16 (Col. Documentos Pontifícios).  
(2) *La Civiltà Cattolica*, Roma, 106 (1), 1955, p. 616-627.

litanias; persuasão íntima de haver sido investido pelo Altíssimo de missão especial, face às defecções da cristandade; sentenças inapeláveis; um velado hermetismo que, de quando em quando, se reveste de um ar fulmineo e desconcertante, mesmo na boca de pessoas humildes, como quando Violaine e Mara, de **O Anúncio Feito a Maria**, se encontram no deserto:

VIOLAINE — Eu escuto.

MARA — Que escutas tu?

VIOLAINE — As coisas existirem comigo" (3).

Nem se esqueça a sua longevidade — privilégio patriarcal.

Se do exterior dessa figura de cônsul, de aspecto e talhe de camponês e, se me é lícito, quase taurino, passamos para a temática da obra que nos legou, salta ainda mais aos olhos o seu perfil bíblico.

Louis Barjon, num estudo crítico de 160 páginas, publicado em 1953 (4), classifica o poeta, com acerto e pertinência, como "cósmico" (5) e "testemunha do universo cristão" (6). Aedo universal que entrevê o Criador em todos os entes criados, aos quais assume e recria poeticamente, com seu mágico poder verbal, imagístico e rítmico, "pois toda espécie de imagens se comprimem na minha mente, as quais, para se exteriorizarem, de nada mais precisariam que de um lápis" (7). O pendor simbolista, próprio do estro claudeliano, não era só motivado por sua vocação poética, senão que se fundava igualmente em duas sólidas razões filosóficas: analogia dos seres (princípio que a teologia e, correlatamente, a exegese, no afã de se pretenderem ciências exatas, a espaços, esqueceram, para dano seu — consoante opinião de Otto Semmelroth (8); e a riqueza e, por conseguinte, a capacidade significativa tanto maior de um ser quanto mais verdade contiver em si.

Como arauto e defensor do cristianismo e de seus valores, aborda e desenvolve temas que são da mais nativa prata bíblica: a dialética espírito-carne e homem-mulher, indicativos de uma carência e desarmonia ou ruptura fundamentais, no homem, em busca de plenitude e pacificação absolutas. E o caminho pacificador e plenificante é, como na história da revelação, a cruz de Jesus Cristo (9).

A pergunta agora é: que tipo de Intérprete bíblico podia surgir de uma tal infra-estrutura humano-cristã?

(3) Tradução de D. Marcos Barbosa. Rio de Janeiro, Agir, 1954, 3.º ato, cena 2, p. 109.

(4) Paul Claudel. Paris, Éditions Universitaires.

(5) *Op. cit.*, p. 23.

(6) *Op. cit.*, p. 57.

(7) *J'Aime la Bible*. Paris, Fayard, 1955, p. 7.

(8) *Wirkendes Wort*. Frankfurt am Main, Verlag Josef Knecht, 1962, p. 14.

(9) *Un Poète Regarde la Croix*.



Certamente que não um literalista. Era, de resto, velho e figadal inimigo do positivismo e racionalismo de sua juventude. Ei-lo, pois, aos sessenta anos, debruçado sobre as páginas sagradas. Não era a primeira vez:

"A bíblia se associa, em mim, ao próprio despertar do coração e da imaginação. De pequenino, quando, em Bar-le-Duc, aprendia a ler, nos bancos das queridas Irmãs da Doutrina Cristã, quão ávido olhava eu esses quadros que elas nos davam, com a vida de Nosso Senhor estampada neles. E, ao depois, no Liceu, a história santa foi a delícia dos meus doze anos (...).

E, mais tarde, nesse inesquecível entardecer do Natal de 1866, como não ver uma intervenção da Providência nessa bíblia, presente de uma amiga protestante à minha irmã Camila, que se encontrava lá sobre a minha mesa? Abri-a, coisa que antes nunca fizera, e foi em duas passagens: A primeira era a relativa aos discípulos de Emaús, narração de S. Lucas, quando o Senhor, ao descambar do dia, revela aos seus companheiros emocionados os segredos do antigo testamento. E a segunda foi o sublime cap. VIII do Livro dos Provérbios, que serve de epístola para a missa da Imaculada Conceição" (10).

Dá em diante, se familiarizaria cada vez mais com as páginas bíblicas, é verdade que principalmente através da liturgia e do breviário.

Aos sessenta anos, o editor Pichon pede-lhe prefaciá-la uma reedição do Apocalipse. Reluta, mas acaba aceitando, uma vez que o impressor não o deixava em paz. O Apocalipse de S. João, "revelação de Jesus Cristo" (11), será, desde então, sua maior paixão bíblica:

"Nenhum versículo que não contenha referência ou alusão, por vezes múltipla, a uma fonte retrospectiva e onde o alfa não se entrelace com o ômega" (12).

Enumeram-se, entre seus escritos religioso-bíblicos, além de *Introduction à l'Apocalypse* (1946) e *Paul Claudel Interroge l'Apocalypse* (1952), *Introduction au Livre de Ruth* (1938), *Le Livre de Job* (1946), *Paul Claudel Interroge le Cantique des Cantiques* (1948), *Emmaüs* (1949), *Une Voix sur Israël* (1950), *L'Évangile d'Isaïe* (1951).

Note-se que o polígrafo biblista não se arrogou jamais títulos a que não tinha jus:

"Não sou um erudito ou um doutor. Não sou mais que um poeta. Mas, afinal de contas, que é a bíblia senão um imenso poema? (...) sou um cristão que não admitirá que o privem os pedantes, sob alegações técnicas, da mínima parte que seja dessa enorme herança que a Igreja lhe deu de fruir e da qual a liturgia lhe colocou sobre a língua o gosto eterno" (13).

(10) *J'aime*, p. 8.

(11) *Apoc.* I, 1.

(12) *J'aime*, p. 11.

(13) *Id.*, p. 23.

Entremostam-se, aqui, as unhas da polêmica.

"Je ne suis qu'un poète." "Não sou mais que um poeta." Compreende-se, conseqüentemente, o realce que deu, como comentarista, ao simbólico, em detrimento, é lógico, do histórico e progressivo, ainda que aos poucos evoluísse para uma visão de perspectivas mais finalísticas, encarando a história como lento raiar do novo e sempiterno dia messiânico (14). Anti-historicista, no sentido pejorativo de historicismo, e antiliteralista, aceita, não obstante, o sentido literal, com a ressalva de que "não é sempre o único" (15).

É que seu anti-historicismo e antiliteralismo, afora se enraizarem numa genial constituição poética, se prendiam a uma concepção grandiosa daqueles divinos livros em que Deus se dignou registrar, a modo humano-divino, sua mensagem de amor à família humana.

E "Deus não é somente gramático, é artista, é poeta conhecedor de todos os recursos de expressão" (16).

Visto isso, como concebia Paul Claudel o livro por excelência da humanidade? Como inspirado, acima de tudo (17). No seu conjunto, "uma história de amor, um apelo aos sentimentos mais ternos, mais puros e mais profundos do coração humano, cujo patético os romances mais lidos das diversas literaturas não atingirão nunca jamais" (18). Tomar a bíblia nas mãos "é como se tocássemos na Eucaristia" (19). Composição unitária, além do mais, "obra magnífica do Espírito Santo, da Sabedoria de Deus, não massa ("amas", palavra várias vezes repetida, em contextos semelhantes, pp. 11 e 47 de *J'aime*) confusa de materiais heteróclitos, semi-devorados pelo tempo, sim monumento soberbo sobre o qual os séculos não têm nenhum poder e que se oferece ainda a nós, intacto e virgem, na sua textura sublime e profunda, sua significação original, no convite que dirige, tão poderoso hoje como ontem, à nossa imaginação, à nossa sensibilidade, a todos os nossos anseios de amor e de beleza" (20).

A figura seguidamente usada para exprimir essa unidade é a de "edifício sublime, próprio não só para o culto como para morar" (21), "edifício composto de materiais inteligentes ou, antes, ser vivo que vemos crescer e desenvolver-se" (22), "arquitetura sui-generis, à semelhança de um monumento de significações, cujas diversas partes estivessem ligadas por

(14) *Id.*, p. 21.

(15) *Id.*, p. 64.

(16) *Id.*, p. 22.

(17) *Id.*, p. 4.

(18) *Id.*, p. 29.

(19) *Id.*, p. 60.

(20) *Id.*, p. 41-42.

(21) *Id.*, p. 9.

(22) *Id.*, p. 47.



arte incomparável" (23), "cidade maravilhosa, viva, em que a estabilidade não exclui o movimento e o passado não cessa de obedecer ao futuro", "drama arquitetural, cujo autor, o mesmo através de não sei quantos séculos, inspirou, simultaneamente, a ação, o teatro, a linguagem e os atores" (24). "Qual é a casa comparável à escritura, templo do pensamento divino?" (25).

Relativamente ao antigo testamento, afirma que é "oceano de amor e de beleza" (26) e, dentre as versões da escritura em uso, vota especialíssima devoção à Vulgata, a "incomparável" (27), cheia "de alusões e de ecos delicados que são a delícia dos corações e dos ouvidos cuja sensibilidade o amor purificou" (28), a cujo lado é "pálido, chato, frio, grosseiro" (29) qualquer substitutivo e "na qual eu vejo a obra-prima, a perfeição máxima, a glória da língua latina" (30).

"Ler, sim, a sagrada escritura, mas como os Santos Padres, que nos mostram ser esta a melhor maneira de aproveitar sua leitura: de joelhos! Não com intenções de crítica, essa curiosidade que não serve para mais que vaidade, mas com a paixão de um coração faminto! Disseram-nos que a vida se encontra lá, que a luz está ali, por que não experimentamos um pouquinho por nós mesmos o gosto que pode ser o dela?" (31).

Noutro passo, em tom polémico: "E que pensa o Sr. P. J. Steinmann afirmando serenamente que o antigo testamento não tem mais que um sentido, o literal, na acepção mais comum e mais trivial possível, que pensa ele dessa enorme literatura patrística, inspiradora de tanta beleza e devoção, que, há não sei quantos séculos, pretende o contrário?" (32).

Nesse ponto, aliás, Claudel sente perfeitamente com a Igreja:

"... poderá o exegeta católico ajudar-se egregiamente do estudo inteligente dos escritos em que os Santos Padres e Doutores da Igreja e os ilustres intérpretes das idades passadas comentaram os livros santos. Pois que eles, bem que talvez menos fornecidos de instrução profana e de ciência lingüística do que os intérpretes dos nossos dias, contudo pelo lugar que Deus lhes deu na Igreja, se distinguem por uma suave intuição das coisas celestes e por uma admirável perspicácia com que penetram até às mais íntimas profundidades da divina palavra e tiram à luz quanto po-

(23) *Id.*, p. 11.

(24) *Id.*, p. 11.

(25) *Id.*, p. 10.

(26) *Id.*, p. 43.

(27) *Id.*, p. 22.

(28) *Id.* *ibid.*

(29) *Id.* *ibid.*

(30) *Id.*, p. 42.

(31) *Id.*, p. 43.

(32) *Id.*, p. 61.

de servir para ilustrar a doutrina de Cristo e promover a santidade da vida" (33).

Quanto à pendência do poeta católico francês com os exegetas, a qual já se entremostrou em, ao menos, duas citações acima feitas, não vale a pena deter-se nela mais do que o tempo necessário para tirar algum proveito.

**J'Aime la Bible** foi o estopim que tornou pública a contenda, antes, mais ou menos, restrita a um círculo pequeno de especialistas, se bem que, à surdina, o rastilho lavrasse, de há muito, entre o público francês culto.

Obra póstuma, organizada pelo autor, o volume compõe-se de sete estudos (conferências e artigos), diferentes em tamanho e tom. Como sempre, estilo vivo, em que o ideal e o real se entrelaçam e fundem. Fragmentos autobiográficos alternam-se com zelo e fervor religioso e com exemplos característicos da exegese desimpedida que era a de Claudel. Dessa forma, nos fala ele de sua nobre solidão consular, "quando o **smoking** me parecia um cilício e teria preferido um rochedo, no meio do Oceano Pacífico, ao lugar de honra, num jantar oficial, em que me aconteceu rezar meu terço, de sob a toalha, entre duas senhoras de senadores americanos!" (34). A isso acrescia "o exílio, a vida entre gente, cuja língua, interesses, religião não partilhava" (35) e a indescritível angústia do escritor "que se dedicava desesperadamente à sua arte, na certeza de não ser compreendido" (36). Assim, nos conta, num estilo sorridente, que sua "vida não foi perdida, já que me foi dado ver lourejar, ao redor de mim, em toda parte, no Extremo Oriente, as primícias da messe cristã. Revejo, na China, igrejas repletas, junto a pagodes abandonados (...) mamãezinhas japonesas aproximando-se da sagrada mesa com bebês às costas" (37).

Para exemplo do seu estilo de comentarista bíblico, valha este excerto: "Jó faz parte do fundo mais antigo da literatura bíblica. Mas eis que, no outro extremo desse caminho da escritura que se prolonga através dos séculos, aparece-nos um segundo Jó, quão mais doloroso, quão superior resumo de tudo o que o destino humano pode oferecer aos nossos olhos não só de sofrimento físico e moral, como também de injustiça, não acidental, mas fundamental. Chegamos, estamos no Getsêmani" (38).

Importa ressaltar que se acolheu, em geral, com simpatia o **J'Aime la Bible**. As recensões aparecidas em revistas, como **Nouvelle Revue Théo-**

(33) **Divino Afflante Spiritu**, 17.

(34) **J'Aime**, p. 110.

(35) *Id.* *ibid.*

(36) *Id.*, p. 110.

(37) *Id.*, p. 89.

(38) *Id.*, p. 16.



logique, 77, p. 660; *La Vie Spirituelle*, 93, 1955, p. 316; *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 40, 1956, p. 109-110; *Razón y Fe*, 153, 1956, p. 479-485 — são de benevolência e compreensão, reconhecendo ao exímio biblista inegáveis méritos, como o de intuir, à luz da fé, a, diria quase, aura ou sopro espiritual e místico inerente à letra inspirada e o de, com seus comentários, haver contribuído mais para a estima da sagrada escritura que muita exegese erudita. Já *Bible et Vie Chrétienne*, 11, 1955, p. 32-46, é mais rigorosa na crítica. *Orientierung*, 20, 1956, p. 101-105, por seu turno, é mais completa e objetiva, estabelecendo claramente quais são as competências do comentista bíblico, quando é que o sentido espiritual pode aspirar a foros de ciência, o perigo da interpretação fragmentária e a maneira de pregar a palavra revelada, sem cair no subjetivismo.

Se Claudel ataca desabridamente aos exegetas racionalistas, no seu "esnobismo pedante" (39), no seu "passatempo frívolo" (40); se investe contra a "oca literatura exegética, em que se trata o como e não o porquê e onde não se chega senão a miragens e conjeturas que se destroem umas às outras" (41), "literatura criticista que não repousa, o mais das vezes, que sobre fantasia e vaidade" (42); se insiste em que urge desembaraçar o antigo testamento "dessa aparelhagem pseudocientífica, de conjeturas arbitrarias e de hipóteses frívolas que não levam a outra coisa que desencorajar, desconcertar, afastar os fiéis" (43); se exclama: "Que de ciência, que de aplicação, que de esforço gastos na rebusca dos menores detalhes gramaticais e sintáticos!" (44) e se deplora sejam os "literalistas, infelizmente, a maioria dos comentadores atuais da escritura" (45) — atribua-se isso, uma vez mais, ao seu temperamento apaixonado, ao seu gênio poético, "rebelde às interpretações históricas mal aderentes" (46) e — por que não confessá-lo? — à sua insuficiente informação. Os termos em que, a certa altura, coloca a questão (literalismo-simbolismo) são prova daquele seu espírito exaltado:

"Na realidade estão em jogo duas concepções antagônicas: Ou a bíblia é uma obra humana, em que se encontram inseridos, não sabemos como, textos messiânicos, aos quais se tenta reduzir em número e alcance. Ou a escritura é uma obra divina, cujo inspirador é o Espírito Santo que a penetra, inteira, em todas as suas partes, e cujo sentido é Jesus Cristo.

Conforme se adota esta ou aquela posição, a crítica de textos se conduz por estes ou aqueles princípios e chega a estes ou àqueles resultados.

Constato com pesar e — por que não dizê-lo? — com indignação que não é a segunda, mas a primeira das concepções que hoje parece gozar da estima geral" (47).

- (39) *Id.*, p. 55.  
(40) *Id.*, p. 116.  
(41) *Id.*, p. 23.  
(42) *Id.*, p. 53.  
(43) *Id.*, p. 41.  
(44) *Id.*, p. 51.  
(45) *Id.*, p. 152.  
(46) *Id.*, p. 10.  
(47) *Id.*, p. 67.

### III

A maneira de arremate conclusivo, três perguntas:

- 1) Despojadas de sua carga afetiva, não são as críticas de Claudel válidas, numa perspectiva de exegese viva e vivificante?
- 2) Até que ponto a inspiração bíblica, não raro duplamente inspirada, humana e divinamente, é passível de múltipla interpretação?
- 3) Deixando em paz os exegetas que, atualmente, se têm como tais, via de regra altamente especializados, não seria necessário incrementar uma exegética de alto e médio nível e até popular, para atender ao desejo dos muitos que, para além de eruditas noções desencarnadas, anseiam é por viver a sagrada escritura e gostariam, por isso, de vê-la explicada numa forma bem mais existencial?

### BIBLIOGRAFIA

*Enciclopedia Católica*, v. VII.

*Dictionnaire de la Bible*, t. III.

*Diccionario de Teología Dogmática*. P. Parente.

*Dictionnaire Théologique*. L. Bouyer.

CLAUDEL, Paul. *J'Aime la Bible*. Paris, Librairie Arthème Fayard, 1955.

BARTON, Louis. *Paul Claudel*. Paris, Éditions Universitaires, 1953.

Paul Claudel devant la Bible. *Bible et Vie Chrétienne*, 49, 1963, p. 78-84.

Claudel Personaggio Biblico. *La Civiltà Cattolica*, 196 (1), 1955, p. 616-627.

En el primer aniversario de la muerte de Claudel. Su obra póstuma. *Razón y Fe*, 153, 1956, p. 479-485. etc.